

## Trabalhadores de Fibra<sup>1</sup>

Juliana Cristina da Silva Ferreira<sup>2</sup>

Emanoel Ribeiro Cardoso<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins

### Resumo

O presente trabalho é decorrente da disciplina de Fotojornalismo ofertada no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas. As fotografias foram feitas para serem apresentadas como trabalho final da disciplina e estiveram sob orientação do professor de fotojornalismo que acompanhou as etapas de pré-produção e pós-produção. O objetivo das fotografias foi retratar algumas das etapas de cultivo da juta/malva. O tema é de extrema relevância, pois além de possuir valor econômico e social para o município, traz a tona práticas que há mais de 60 anos são exploradas em Parintins.

**Palavras-chave:** trabalhadores; jaticultores; fotojornalismo; Parintins

### 1 INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que o cultivo de juta/malva foi para o município de Parintins o que a exploração da borracha foi para o Amazonas. Tal afirmativa parece exagerada, mas as plantações foram responsáveis pela criação de pelo menos três grandes empresas, a Cooperativa de Jaticultores (Coopjuta), Companhia Textil do Castanhal (CTC) e da Frabril Juta. Além de seis dos maiores galpões que o município possui até hoje. Do final da década de 30 até a 1970 a juta foi uma das principais fontes de economia de Parintins.

Witkoski (2010) afirma que as plantas se adaptaram ao clima e ao ciclo das águas da região se tornando um trabalho de extrema importância, pois era uma alternativa de renda, assegurava condições de trabalhos às populações de várzea e veio logo após o fim do ciclo da borracha. A juta tem nome científico de *Corchorus capsularis L.* dela se origina a fibra têxtil utilizada na fabricação de sacarias e outros produtos. Além da juta também há a plantação de malva *Urena Lobata L.* que apresenta as mesmas peculiaridades e fins, a única diferença é que a malva pode ser plantada em terra firme.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria jornalismo, modalidade JO- 12 fotojornalismo

<sup>2</sup> Aluna líder e estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo email: [julianacsf.jnr@gmail.com](mailto:julianacsf.jnr@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins email: [emanoelcardoso@hotmail.com](mailto:emanoelcardoso@hotmail.com)

De acordo com Noda (1985) as primeiras sementes de juta introduzidas no Brasil são provenientes do oriente, na década de 1920. O descendente de japonês, Ryota Hoyama traz para o Amazonas, mais especificamente para Parintins, as primeiras sementes. Com a nova ordem produtiva das fibras o Estado do Amazonas passa a ocupar lugar de destaque no cenário sócio econômico nacional. A produção de grãos, em especial, o café dependia das sacarias para serem transportadas para diversas partes do mundo. Nessa mesma época a Índia também inicia as primeiras plantações de juta.

A juta e a malva esperançaram o Amazonas que vivia um momento de crise, após o fim do ciclo da borracha. As fibras ficaram conhecidas como “ouro branco”. Pinto (2010) ressalva que nas décadas de 60 a 80 as plantações tem uma queda, por quatro fatores em especial: movimento das águas contribuiu e contribui até hoje para a perda na agricultura; escassez de sementes para os produtores, inclusive esse é um fator ainda existe; manipulação dos preços e do crédito por parte do setor industrial; grande concorrência com a Índia que possuía preços baixos. Na segunda metade da década de 1970 a situação se agravou, a cultura da juta/malva passa a ser desvalorizada e os trabalhadores acabam abandonando o cultivo, dando início ao declínio do período áureo da cultura de juta no Amazonas.

Ainda hoje, o Amazonas se configura como o segundo maior produtor de juta/malva do mundo ficando atrás apenas da Índia. Em Parintins, ainda existem comunidades de várzea onde há plantações, mas a maior produção se dá em comunidades próximas a cidade de Manaus. Apesar do declínio das fibras, não há como negar a importância das mesmas para economia e expansão do município. Devido a isso se pensou em um registro fotográfico do cultivo da juta/malva que tem mais sessenta anos e ainda apresenta as mesmas formas de cultivo, ou seja, extremamente rudimentar, artesanal e ainda baseada na agricultura familiar.

De acordo com Kossoy (2001), a fotografia é um meio de conhecimento de mundo. “(...) possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio a pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística” (KOSSOY, 2001 p. 25). Por meio da fotografia o homem ganha um conhecimento mais amplo, com linguagens diferentes da escrita e da fala.

Para resgatar o universo dos trabalhadores de juta/malva o presente trabalho ofertado na disciplina de Fotojornalismo mesclou a teoria aprendida em sala de aula com trabalho de campo retratando uma agricultura importante tanto social como econômico para

o município. As fotos são um outro modo de linguagem e trazem informações relevante sobre a área de várzea de Parintins.

## **2 OBJETIVO**

Registrar por meio do fotojornalismo os cultivadores de juta/malva da comunidade Costa da Águia pertencente ao município de Parintins no baixo Amazonas e o modo de trabalho dos mesmos.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A vontade de fotografar algo novo e fugisse dos estereótipos da Amazônia como o índio, a floresta ou os animais impulsionou a produção desse produto. Muitos dos trabalhos exigidos em sala de aula da Ufam/Parintins tem tema livre, mas mesmos assim os alunos se restringiam ao contexto da cidade. A zona rural de Parintins é pouco explorada, surge então a ideia de registrar algo novo.

“O fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana” (SOUSA, 2010, p.5). Partindo da afirmativa de Jorge Pedro Sousa, a fotografia seria um meio viável para retratar o modo de trabalho dos cultivadores de juta/malva da comunidade Costa da Águia, em Parintins.

O que aqui se propôs foi muito mais que uma ilustração dos jutilultores e suas atividades. O objetivo era com que as fotos por si só fossem informativas e opinativas. Esses agricultores após o fim do ciclo ouro branco ficaram ocultos. Muito se ouve falar dos anos dourados das fibras, mas pouco se sabe do que restou e quem são os trabalhadores que até hoje insistem em plantar juta/malva.

As fotografias vêm justamente para evidenciar um pouco do universo desses agricultores. A fotografia tem o poder de valorizar e documentar essas práticas, todas as imagens registradas são dotadas de sensibilidade e destacam o modo de cultivo da juta/malva que dura mais de 60 anos em Parintins.

Além das fibras terem uma importância histórica e econômica para o Amazonas. A forma com que é cultivada também nós chama atenção, desde sua implantação em meados do século XX até os dias de hoje, o trabalho ainda é artesanal e baseado na agricultura familiar. O plantio inicia na seca, tem andamento na enchente e termina na cheia. Apesar dos avanços tecnológicos e da existência de máquinas desfibradoras que aceleram a

produção, no baixo Amazonas, a tecnologia parece não existir, o trabalho ainda se dá em forma manual, com auxílio de poucos instrumentos.

Dessa forma, foi de grande importância registrar as imagens e mostrar a persistência dos trabalhadores. O mercado das fibras sofre cada vez mais, tanto pelas cheias e seca, irregulares, falta de políticas públicas para o setor como pela queda de preço. Entretanto, por necessidade e em busca de uma alternativa de renda a produção tende a continuar.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O presente trabalho foi elaborado na disciplina de Fotojornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, para obtenção de nota final. A máquina fotográfica utilizada foi a Canon Rebel 1000D emprestada do laboratório de fotografia da universidade. Grande parte do processo foi acompanhado pelo professor da disciplina. O trabalho poderia ser individual ou em trio, optou-se pelo individual, as fotos foram tiradas no mês de abril de 2013.

De acordo Sousa (2010) enquadra-se no fotojornalismo fotos informativas, interpretativas, documentais ou ilustrativas que podem ser usadas pela imprensa ou por projetos editoriais, são elas, fotos de notícia, foto-reportagens e fotografias documentais. Na maioria das vezes, a fotografia é utilizada para testemunhar ou esclarecer um fato, contextualizar o leitor, oferecer conhecimento e pontos de vistas. O fotojornalismo surge na metade do século XIX, mas desde os primeiros registros fotográficos percebe-se o entusiasmo dos fotógrafos em retratar acontecimentos, com objetivo de fazer uma imagem testemunhar e compartilhá-las.

Para a realização das fotografias foi necessário um conhecimento prévio sobre o assunto. Com as técnicas de fotojornalismo buscou-se mostrar algo que fosse de interesse humano. A câmara Canon Rebel 1000D foi configurada no plano manual o que proporcionou mais qualidade a imagem. O tamanho também das fotos foram relativamente grande e em plano foi o médio para que fosse possível retratar os agricultores e o modo de trabalho dos mesmos. O uso do ISO e da velocidade variaram de acordo com a luminosidade e com trabalho que era executado. Em alguns casos a velocidade utilizada foi alta, devido ao intenso trabalho dos agricultores.

Procurou-se ao máximo de discrição por parte do fotógrafo, para deixar os trabalhadores da forma mais natural. O cultivo da juta se dá em cinco etapas: cultivo da terra; corte das fibras com terçado; desfibramento e lavagem das plantas; estender no varal;

empacotamento. Com exceção a primeira etapa, todas as outras foram fotografadas. Como são muitas as famílias que trabalham com a juta/malva na comunidade, cada uma se encontrava em uma etapa.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Como esse era o primeiro trabalho sobre a temática produzida por uma acadêmica do curso de comunicação procurou-se saber mais sobre os registros desses trabalhadores e a melhor forma de fazê-los. Além das dicas do professor da disciplina, conversamos com alguns fotógrafos e juiticultores da região e procuramos no google imagens sobre cultivadores de juta e malva. Percebe-se logo uma escassez de registros de mulheres no trabalho com as fibras.

A maioria dos juiticultores são homens, mas existem mulheres que também trabalham no roçado, nessa hora não há distinção de trabalho, todas as tarefas são divididas igualmente. Na pré-produção ficou acertado que as fotos seriam especificamente das mulheres trabalhadoras de fibras. Mas, na etapa final, após analisar as fotos resolvemos mostrar o círculo social que existe formado tanto por homem como por mulheres. Por isso fizeram parte do trabalho final fotos de ambos os sexos, dando um enfoque para as imagens individuais das agricultoras.

Em Parintins existem regiões que se destacam no cultivo da juta/malva, são elas Caburi, Mocambo, Ilha do Chaves, Ilha do Vale-me Deus e Costa da Águia. Os registros foram feitos na Costa da Águia que fica cerca de duas horas de barco da sede de Parintins. A comunidade foi escolhida propositalmente, dentre essas ela é única que ainda não apresenta energia elétrica e da mesma forma com que a plantação foi implantada na década de 30 ocorre até hoje. De todas é a que fica mais próxima e já havia um contato anterior com os moradores que cederam local para estadia.

Para produção das imagens foram necessários três dias. Para se chegar ao local usamos um barco de recreio, que diariamente leva e traz moradores da Costa da Águia e outras comunidades próximas. Ao chegar a comunidade mostramos o interesse em registrar a imagem e combinamos de disponibilizar as principais fotos. Para se chegar ao local da plantação é necessário ir em rabetas – pequenas embarcações com motor - os locais ficam afastados da casa são cerca de 20 a 40 minutos. O almoço e a merenda é feito ali mesmo no local de trabalho, sem pausa para descanso. Não importa o clima, os trabalhos não param faça sol ou chuva. Da mesma forma ocorreu os registros fotográficos

A fotografia em primeiro momento causa interesse aos moradores, todos querem ser registrados em suas diferentes atividades e posteriormente querem ver o resultado no visor da câmara. No total foram registradas 210 fotografias. Vale destacar que cada família tem a sua plantação, algumas se unem e trabalham juntas. Outras preferem dividir as tarefas, homens ficam cortando, mulheres desfibrando, ou ambos nas mesmas atividades. Acompanhamos cada família em diferentes momentos, para dar uma visão completa de como é o cultivo. Após descarregar as fotos foram selecionadas 20 para entrega do trabalho final da disciplina. O critério para escolha foram aquelas que estavam em boa qualidade e retratassem os trabalhos dos cultivadores. Todas foram editadas no photoshop CS3 portátil.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

As disciplinas que exigem prática de campo contribuem e muito com a formação acadêmica do universitário. Por meio dos registros o aluno pode ou não se identificar com a área, perceber suas falhas, saber o que precisa ser melhorado e ter uma ideia dos desafios que o esperam no mercado de trabalho.

O fotojornalismo se dá por meio do momento, do registro de um fato que pode ou não se repetir. As técnicas e uso de uma boa câmara asseguram uma imagem de qualidade. Ao estudar o conceito, história e técnicas do fotojornalismo, tudo parece muito difícil e até mesmo impossível de ser feito. Mas, quando se vai a prática a curiosidade do fotógrafo e o seu interesse em buscar algo diferente auxilia na captura de boas imagens e deixa o trabalho mais fácil.

Se não fossem os aprendizados e discussões teóricas anteriores, as fotos não teriam tanto valor social e cultural. Nesse trabalho, podemos aprender uma das coisas mais belas que a fotografia proporciona: compartilhar informações a pessoas que não estiveram presentes em determinado local. O interessante ao mostrar uma fotografia é ouvir o debate dos leitores, a sua identificação ou surpresa com determinada foto. Isso aconteceu em sala de aula, muitos tiveram avós trabalhando na juta/malva outros não conheciam o processo de plantação.

Acredita-se que o objetivo geral foi atingindo e que as imagens retratam o modo de trabalho dos jaticultores. É claro que ainda há muito a ser melhorado, principalmente nas técnicas de fotografar, e isso só ficou perceptível na pós-produção ao analisar em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

KOSSOY, Borris. **Fotografia e História**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001

NODA, Sandra do Nascimento. Agricultura familiar amazonense: mobilidade e relações de trabalho na produção de juta e malva. IN: WITKOSKI, Antonio Carlos; FERREIRA, Aldenor da S.; HOMMA, Alfredo. K, Oyama; FRAXE, Therezinha de J.P. (org) **A cultura de juta e malva na Amazônia Ocidental: sementes de uma nova racionalidade ambiental?** São Paulo, Editora Annablume.

PINTO. Ernesto Renan de Melo Freitas. A constituição história da produção mercantil simples no estado do Amazonas e a cultura d ajuta. IN: WITKOSKI, Antonio Carlos; FERREIRA, Aldenor da S.; HOMMA, Alfredo. K, Oyama; FRAXE, Therezinha de J.P. (org) **A cultura de juta e malva na Amazônia Ocidental: sementes de uma nova racionalidade ambiental?** São Paulo, Editora Annablume.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução a história, as técnicas e a linguagem da fotograia na imprensa. São Paulo, Porto, 2002

WITKOSKI, A.C. O Rio Negro (Não) Comanda a Vida: políticas de inclusão social nas comunidades de áreas de abrangencia do projeto Piatam. IN: FRAXE, T.J.P.; PEREIRA, H.S.; WITKOSKI, A.C. **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas**: modo de vida e uso dos recursos naturias. Manaus: EDUA, 2007.